

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**CONTRIBUIÇÕES FREUDIANAS ACERCA DO ANTAGONISMO ENTRE
ATIVIDADE E PASSIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL: DA
FANTASIA INFANTIL AO ENCONTRO DA REALIDADE ADOLESCENTE**

Dissertação de monografia desenvolvida como parte dos requisitos para obtenção da graduação em Psicologia pelo Departamento de Psicologia da UFSCar.

Aluna: Fernanda Digieri dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Namba

São Carlos

2025

Agradecimentos

Agradeço ao Departamento de Psicologia e ao Departamento de Filosofia, por terem tornado possível a realização deste trabalho, e por terem me proporcionado todo o conhecimento necessário para fazê-lo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por ter apoiado essa pesquisa.

A minha orientadora, Profa. Dra. Janaina Namba, que me acolheu, incentivou e ofereceu suporte durante todo o processo.

A minha família, que me apoiou, tornando possível que eu chegasse até a universidade, e celebrou cada uma das minhas conquistas.

A meus amigos da cidade de Bauru, que apesar da distância jamais saíram do meu lado e que mesmo de longe sempre torceram por mim.

A meus amigos do curso de Psicologia, que tornaram a experiência da graduação a melhor possível, fazendo com que até mesmo os dias mais difíceis tivessem momentos leves.

Às pessoas que me deixaram imensas saudades, minha avó Laurinha e meus amigos Pedro e Natan, que, mesmo não estando mais aqui, me inspiram a seguir em frente.

A meu companheiro, Lucas, que me apoiou e acreditou em mim durante cada passo da realização deste trabalho, e que nunca me deixou desistir.

Resumo

A obra freudiana é marcada pelo dualismo, sendo o antagonismo entre atividade e passividade destacado como o precursor da polaridade sexual que atravessa o psiquismo. A passividade é predominante na infância, tendo em vista que o infante vivencia o desamparo logo no momento do nascimento, e ainda que progressivamente conquiste maior autonomia sobre o próprio corpo, tem sua capacidade de ação na realidade limitada às possibilidades disponibilizadas por aqueles que cuidam. Essa passividade, no entanto, não é absoluta, pois a criança elabora suas renúncias pulsionais se apoiando na fantasia, como demonstrado na brincadeira do carretel, relatada por Freud em 1920. A entrada na puberdade, no entanto, marca o início do que hoje chamamos de adolescência, e traz consigo diversas transformações na dinâmica psicosexual. Essas mudanças envolvem o desligamento da autoridade familiar, o enfrentamento dos fatos do sexo e uma urgência de passagem ao ato na esfera da realidade, não sendo mais a fantasia suficiente para aplacar as angústias do sujeito. Dessa forma, o presente trabalho pretendeu descrever os subsídios teóricos da obra freudiana que permitem caracterizar a adolescência enquanto período psíquico transitório no tocante ao antagonismo atividade-passividade, marcando o abandono da passividade infantil à medida que o púbere passa a conquistar autonomia sobre o próprio corpo e mundo ao seu redor. Para tanto, foi realizada uma análise da obra freudiana a partir de uma leitura da articulação, delineamentos e projeções que o discurso freudiano propõe, a partir da Filosofia da Psicanálise de Monzani.

Palavras-chave: desenvolvimento psicosexual; atividade-passividade; fantasia; puberdade.

Abstract

Freud's work is marked by dualism, being the antagonism between activity and passivity highlighted as the precursor of the sexual polarity that runs through the psyche. Passivity is predominant in childhood, considering that the infant experiences helplessness since the moment of birth, and although they progressively conquer greater autonomy over their own body, their capacity for action in reality is limited to the possibilities made available by the ones that care for them. This passivity, however, is not absolute, because the child elaborates the renunciation of their drives by relying on fantasy, as demonstrated in the game of the reel, reported by Freud in 1920. Puberty, however, marks the beginning of what we now call adolescence, and brings with it several transformations in the psychosexual dynamics. These changes involve the detachment of family authority, the confrontation with the facts of sex and an urgency to move to the act in the sphere of reality, with fantasy being no longer sufficient to placate one's anxieties. Thus, the present work intended to describe the theoretical subsidies in Freud's work that allows adolescence to be described as a transitory psychic period in relation to the activity-passivity antagonism, marking the abandonment of infantile passivity as the pubescent begins to conquer autonomy over their own body and surrounding world. To this end, an analysis of Freud's work was carried out from a reading of the articulation, delineations and projections that Freud's discourse proposes, based on Monzani's Philosophy of Psychoanalysis.

keywords: psychosexual development; activity-passivity; fantasy; puberty.

1. Introdução

A psicanálise se debruça sobre os aspectos psicosexuais do desenvolvimento humano há mais de um século, sendo o texto freudiano mais emblemático nesse sentido os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicado originalmente em 1905¹. Nele, Freud descreveu, ainda em termos do primeiro dualismo pulsional, as diferentes formas de organização sexual durante os primeiros anos de vida. O psicanalista propõe que a presença da sexualidade pode ser constatada nos indivíduos desde os primórdios e detalha os diferentes períodos do desenvolvimento nas fases oral, sádico-anal e fálica, sendo a última aquela na qual se dá a vivência do complexo de Édipo. Cada uma dessas fases é marcada pela predominância de uma zona erógena sobre as demais, ou seja, pela maior suscetibilidade de excitação sexual em uma determinada região do corpo (Laplanche & Pontalis, 2001). A fase edípica precede um período de latência, no qual encontramos uma suspensão dos investimentos libidinais até a entrada na puberdade, quando esses investimentos são retomados, ficando, portanto, a fase fálica dividida em dois momentos, pelo período de latência. A puberdade é o segundo momento da fase fálica, na qual as pulsões parciais, que inicialmente encontravam-se dispersas pelo corpo, se submetem ao primado da região genital e encontram uma via de satisfação corporal efetiva (Freud, 1905/2016).

Ao descrever os processos psicosexuais do desenvolvimento, Freud confere certo destaque ao antagonismo do par atividade-passividade, descrito como o precursor da polaridade sexual (Freud, 1917/2014). Aqui, faz-se necessário compreender a importância do caráter polar e dualista da obra freudiana. Birman (1993) demonstra como Freud concebe o sujeito enquanto dividido, sempre incorporando o dualismo nos diversos conflitos estruturais presentes no corpus teórico psicanalítico: pulsões do eu/pulsões sexuais, pulsões de vida/pulsões de morte, processo primário/processo secundário, energia livre/energia ligada, pré-história/história, energia/sentido, representação de coisa/representação de palavra. Como explicitado por Laplanche e Pontalis (2001), as oposições são, ainda, utilizadas por Freud para tratar de manifestações psicológicas e psicopatológicas, como é o caso do par sadismo-masochismo, das posições libidinais, como a oposição fálico-castrado, da noção de ambivalência e da dinâmica prazer-desprazer. O dualismo fundamental que atravessa sua teoria carrega sempre um caráter conflitivo, demonstrando a natureza do psiquismo proposto por Freud (Laplanche & Pontalis, 2002).

¹ Os Três Ensaios passaram por reedições nos anos de 1909, 1914 e 1920.

Em se tratando do par ativo-passivo/atividade-passividade, especificamente, este designa, desde os momentos mais primordiais da vida psíquica infantil, modalidades de metas pulsionais: “Considerada de um ponto de vista genético, a oposição ativo-passivo seria primordial em relação às oposições posteriores nas quais ela vem se integrar: fálico-castrado e masculino-feminino.” (Laplanche & Pontalis, 2001). Essas pulsões, como mencionado, encontram-se dispersas pelo corpo infantil, associando um maior ganho de prazer às zonas erógenas relativas a cada período do desenvolvimento descrito nos Três Ensaio. Entretanto, em cada fase essas pulsões se comportam de maneira particular, inclusive em relação a sua meta (passiva ou ativa). Assim, cabe descrever a dinâmica pulsional do desenvolvimento psicosexual infantil em sua relação com o par de opostos atividade-passividade.

Em sua importante obra metapsicológica *Pulsões e seus destinos* (1915), Freud afirmou que: “O Eu se comporta de modo passivo diante do mundo exterior na medida em que recebe estímulos dele, e, de modo ativo, quando reage perante eles.” (Freud, 1915/2013). Portanto, pode-se dizer que ao nascer o bebê é totalmente passivo, tendo em vista que ele encontra-se inteiramente dependente do cuidado de seus responsáveis, não sendo capaz de realizar nenhuma ação motora que possa modificar os diversos desconfortos que o perturbam (Laplanche & Pontalis, 2001), vivenciando, desde o princípio, o que Freud chamou de desamparo (Freud, 1895/1990). Na fase oral, o bebê adquire uma relativa independência quando passa a tomar o próprio corpo como objeto da pulsão parcial que brota da mucosa da boca (Freud, 1917/2014), obtendo prazer e autonomamente aplacando a urgência que sente quando o seio materno não está disponível, ainda que eventualmente venha a precisar dele para efetivamente saciar sua fome.

Logo, a atividade autoerótica é marcada pela reflexividade, como sugere a imagem dos lábios que beijam a si mesmos - modelo ideal do autoerotismo segundo Laplanche e Pontalis (1967/1986, p. 80) - onde atividade/passividade se encontram, uma vez que os lábios que exercem a atividade também gozam passivamente, sendo, portanto, sujeito e objeto simultaneamente. (Efken, 2017, p. 27)

Na fase sádico-anal, por sua vez, o par de opostos atividade-passividade aparece na medida em que o controle ativo da musculatura corporal gera um ganho de prazer associado, ao mesmo tempo em que a principal zona érogena da criança é a mucosa intestinal, da qual brotam pulsões com meta sexual passiva (Freud, 1905/2016).

Dessa forma, é notório que o infante progressivamente adquire maior autonomia sobre seu corpo e sobre o mundo exterior durante o desenvolvimento psicosssexual, explorando os limites da possibilidade de sua atividade. No entanto, ele continua sendo extremamente dependente de suas primeiras figuras de amor, não só no aspecto do cuidado, mas também no sentido de que essas terão grande determinação na formação da sua concepção de eu, na introjeção dos valores culturais e em suas escolhas objetais na fase fálica (Freud, 1923/2011). É válido salientar que o objeto de amor edípico e aquele que o interdita são, via de regra, as principais figuras familiares que a criança tem disponível.

Durante a fase edípica, institui-se no indivíduo uma ambivalência em relação aos pais, mas estes continuam sendo figuras idealizadas para o infante, que teme perder seu amor e amparo (Freud, 1923/2011). As pulsões da criança que precisam ser renunciadas passam a compor suas fantasias, especialmente na latência (Viola & Vorcaro, 2013), e estas encontram formas de expressão possíveis na realidade, sendo o exemplo mais ilustre dessa ocorrência na obra freudiana o caso da brincadeira do carretel, relatada em “Além do princípio de prazer” (1920). Neste jogo infantil, um bebê de 1 ano e meio elaborava a ausência materna ao fazer um carretel desaparecer e reaparecer, encenando uma vivência na qual ele se vingava da mãe ao deixar a posição passiva do abandono para se tornar aquele que controlava de forma ativa sua presença/ausência. O termo alemão *Spielen*, que pode significar tanto brincar quanto encenar, foi utilizado por Freud para denominar a dualidade dessa brincadeira, na qual a criança utilizou-se de uma espécie de encenação para aplacar a angústia causada pela realidade externa (Velano & Fulgencio, 2020).

Aqui vale determo-nos sobre o papel da fantasia, e apresentar sua importância para a explicação da dinâmica atividade/passividade no funcionamento neurótico. Conforme Freud descreve a Fliess em sua Carta 69 (1897/1986), foi necessário abandonar sua antiga teoria da sedução, na qual a neurose encontraria sua etiologia em um abuso real sofrido na infância, e em seu lugar adotar a hipótese de que sua gênese não necessariamente estaria associada a um evento real, conforme Freud constatou com uma série de casos de histeria. Com essa mudança, a fantasia passou a assumir papel fundamental na explicação do surgimento da sexualidade infantil e dos sintomas neuróticos (Monzani, 1989). A teoria da sedução e a cena primária de abuso, dolorosamente assimilada apenas após o amadurecimento sexual, colocaria a criança em uma posição totalmente passiva, afinal, esta não contaria com os recursos para se defender do abuso e provavelmente tampouco da neurose causada por ele no futuro. Com a

virada teórica trazida pela fantasia, no entanto, a atividade no âmbito da imaginação pode ser investida de afeto a ponto de se confundir com a realidade, ainda que Freud não descarte inteiramente a interação com os objetos externos nesse processo (Monzani, 1989). Assim, a ideia de fantasia, já incorporada na teoria psicanalítica nos Três Ensaio, oferece novos subsídios para pensar e problematizar a posição passiva do psiquismo infantil, e demonstrar como esta não é absoluta.

Portanto, a vida anímica e sexual da criança indubitavelmente conta com instâncias de atividade, sendo a passividade na qual ela se encontra relativa, mas ainda assim predominante, levando em consideração seus aspectos biológicos, psíquicos e até mesmo o contexto social e familiar no qual ela está inserida. Compreende-se que a capacidade de atividade infantil pode ser conquistada ao passo que o indivíduo assimila os limites de sua realidade e articula mecanismos apropriados, como a sublimação. Ademais, comumente recorre à fantasia para escapar das interdições e angústias que sua passividade o impõe; dessa forma, torna-se evidente que a obra freudiana, com especial destaque aos Três Ensaio, revela a importância do par atividade-passividade na vida pulsional da criança que está desbravando, assimilando e elaborando o mundo ao seu redor:

Assim, atividade e passividade parecem designar na obra freudiana tanto elementos originários e constantes nas fases do desenvolvimento psicosexual (oral, anal e fálica), quanto metas pulsionais inerentes à construção da fantasia, que muitas vezes subjaz à fixação em um determinado papel sexual, seja ele ativo ou passivo. (Ulhôa, 2015, p. 21)

Posteriormente à latência, iniciam-se as transformações trazidas pela puberdade, sendo uma delas o redescobrimto do objeto sexual, reeditado inconscientemente a partir das primeiras escolhas edípicas (Freud, 1905/2016). Nesse momento o púbere, que hoje é referido mais comumente como pré-adolescente ou adolescente, deve lançar-se à difícil tarefa de cada vez mais abrir mão da passividade infantil para alcançar a capacidade de atividade do sujeito maduro, em uma transformação de seu mundo interno. Isso implica separar-se dos primeiros modelos ideais da infância a fim de consolidar a própria identidade (Domingues et. al, 2009).

Embora tenha se dedicado a esmiuçar os processos psicosexuais envolvidos na infância e puberdade, é digno de nota que Freud, em sua vasta obra, pouco utilizou o termo “adolescência” de fato. Ainda assim, diversos elementos de suas produções foram essenciais para autores posteriores formularem concepções mais sistemáticas acerca do que hoje

compreendemos como esse período do desenvolvimento (Vieira & Vorcaro, 2014). Em 1909, em seu texto "O romance familiar dos neuróticos", Freud reconheceu a separação dos objetos iniciais de amor como natural do processo de amadurecimento. Mais do que isso, considerou-a essencial para o avanço cultural:

Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas. (Freud, 1909/2015, p. 419).

Essa obra também descreve o que Freud chamou de “o romance familiar do neurótico”, uma atividade imaginativa que se inicia na latência e passa a ocupar as relações familiares. Com a diminuição do sentimento de estima pelos pais, é comum que comecem a surgir devaneios em relação ao pertencimento àquela família, estes que acompanham a vida do neurótico até mesmo depois de seu amadurecimento sexual. Essas fantasias podem incluir uma vingança em relação aos pais, mas sob uma análise mais profunda elas representam, em última instância, um mecanismo para lidar com o vazio deixado pela decepção de descobrir que a família não corresponde ao ideal no qual a criança se apoiava (Freud 1909/2015).

Freud também tratou da questão do declínio da autoridade paterna em seu trabalho “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar” (1914). Aqui, o psicanalista trata dos jovens em idade escolar e expõe sua compreensão do motivo pelo qual os professores comumente se tornam personagens importantes na vida dos alunos e despertam neles fortes sentimentos de ambivalência. Ele explica que os mestres muitas vezes assumem o papel de figuras substitutivas dos primeiros protótipos da infância, aqueles que marcaram de forma definitiva as relações transferenciais e as escolhas objetivas do sujeito. Aqui, Freud reitera a importância do desligamento do pai e a compreensão de que essa postura é essencial para que o jovem passe a buscar seu lugar na sociedade: “Tudo que há de admirável, e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai” (Freud, 1914/1976). Essa ruptura exige que o púbere assumam e se comprometam mais do que nunca com a atividade, agora num âmbito cada vez mais real (Alberti, 2002).

Dado o exposto, compreende-se que o pensamento freudiano possui diversos elementos-chave que elucidam a dinâmica antagônica entre atividade e passividade durante as

diferentes fases do desenvolvimento psicosssexual, notoriamente aparecendo a atividade na infância limitada ao registro do corpo e da fantasia, e submetida às possibilidades de imaginação e expressão disponibilizadas pela família. Depreende-se, portanto, que o grande ponto de virada da adolescência no que tange à oposição atividade-passividade diz respeito àquilo da realidade. O que a adolescência marcadamente impõe ao sujeito é o enfrentamento de uma realidade que é atravessada pelas questões do sexo, da cultura e pelo rompimento com o ideal familiar (Alberti, 2002). A fantasia de forma alguma deixa de existir, mas ela por si só não é suficiente para elaborar a angústia do púbere neurótico, que anseia pela atividade na esfera concreta:

É o momento em que as fantasias infantis incestuosas, recalçadas com a entrada no período de latência, voltam a emergir, agora reforçadas pela “premência somática”, isto é, pelo fato do sujeito ter a possibilidade e a maturação biológica suficientes para colocar em ato seu desejo edípico. (Tavares & Alberti, 2016, p. 14).

As questões da adolescência nem sempre foram um objeto de estudo propriamente psicanalítico, tendo Freud somente tratado diretamente sobre a puberdade e as transformações que esta implica (Garritano & Sadala, 2010). Ainda assim, esse período do desenvolvimento vêm ganhando notoriedade no campo da psicanálise, e mesmo suas concepções mais atuais e complexas são profundamente influenciadas pela obra freudiana, que é resgatada para descrever seus aspectos psicosssexuais, narcísicos, pulsionais e até mesmo culturais.

De forma geral, os psicanalistas que investigam a adolescência reconhecem seu caráter transitório e psiquicamente turbulento, além da necessidade de separação familiar para a conquista de autonomia do sujeito (Oliveira, 2006). Entretanto, a contribuição das obras de Freud que raramente é incorporada nessas discussões é a oposição entre o par atividade-passividade na organização psicosssexual do púbere.

Tendo em vista a exposição feita acima, compreendeu-se que na literatura freudiana há elementos suficientes para subsidiar a discussão do antagonismo psíquico entre atividade e passividade durante as fases do desenvolvimento psicosssexual, configurando a puberdade como momento importante de transformação nessa dinâmica, ao menos na estrutura neurótica, na qual o púbere deve abandonar a posição de passividade e conquistar a atividade na esfera concreta, para além da fantasia. Portanto, justifica-se a realização do presente estudo a partir das contribuições que ele poderia trazer à produção bibliográfica da área, resgatando uma perspectiva da teoria psicanalítica clássica que vêm sendo pouco explorada.

Dessa forma, esse trabalho buscou retomar e explorar as obras de Freud que podem ser úteis para sustentar a hipótese da adolescência - entendida aqui enquanto o momento posterior à latência e que se estende até o final da puberdade - como período de encontro com a esfera da realidade concreta que permite a transição do sujeito entre as posições passiva e ativa, introduzindo-o ao “segundo tempo” de sua sexualidade (Vieira & Vorcaro, 2014).

2. Percorrendo os textos freudianos

O trabalho utilizou como norte metodológico a filosofia da psicanálise, tal qual proposta por Luis Roberto Monzani (2008), que diverge em alguns pontos dos procedimentos e critérios adotados em métodos científicos tradicionais. Conforme o autor explica em seu artigo “O que é filosofia da psicanálise?”, publicado em 2008, esse método difere da filosofia da ciência no sentido de que esta última busca identificar como determinadas disciplinas produzem suas verdades e se seus procedimentos metodológicos são condizentes com o modelo científico, geralmente positivo. A filosofia da psicanálise de Monzani, por sua vez, a partir de uma abordagem epistemológica, consiste em investigar a organização do próprio pensamento psicanalítico, mais especificamente do pensamento freudiano, que é sua base, e sua coerência interna, suas conexões conceituais, suas contradições, suas transformações e, ainda, as problematizações que a própria psicanálise impõe à filosofia, ao propor critérios inéditos de investigação e validação (Monzani, 2008).

Dessa forma, a compreensão da estruturação interna da obra e pensamento freudiano é um trabalho caro e essencial à psicanálise, que por sua recência ainda está num processo de constituição enquanto disciplina autônoma, e necessita desse “olhar para dentro” da própria teoria para desvelar-se com contornos mais claros. Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho não buscou utilizar outros conceitos que os psicanalíticos para explicar determinado fenômeno, tampouco investigar os critérios de cientificidade da teoria freudiana, mas realizou uma tentativa de elucidar como o autor, ao longo de sua obra, estruturou a questão do antagonismo atividade-passividade e sua relação com as transformações da puberdade, utilizando como fonte primordial os próprios textos de Freud.

A seleção bibliográfica preliminar englobou as seguintes obras freudianas: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905); “O romance familiar dos neuróticos” (1909); “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar” (1914); “Pulsões e seus destinos” (1915); “Conferências introdutórias à psicanálise” de número XVII a XXIII (1917); “Além do

princípio de prazer” (1920); e “O Eu e o Id” (1923). Durante a realização do trabalho, outras obras que tratavam de aspectos pertinentes ao objetivo da pesquisa foram adicionadas à seleção bibliográfica, sendo elas: “O escritor e a fantasia” (1908); “Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio” (1910); “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (1919); “O problema econômico do masoquismo” (1924); e “A dissolução do complexo de Édipo” (1924).

A leitura dos materiais freudianos indicados acima foi feita de forma minuciosa e respeitando sua ordem cronológica de publicação, tendo em vista que determinados aspectos da teoria sofreram transformações ao longo de sua obra. Detivemo-nos principalmente no âmbito em que o psicanalista tratou dos temas pertinentes a essa discussão (atividade/passividade no psiquismo; fantasia; puberdade/adolescência; e aspectos pulsionais das fases do desenvolvimento psicosexual), e a partir deste registro foram classificadas quais obras tratam de quais conteúdos, a fim de analisar como suas considerações se articulam com a nossa hipótese. A partir do registro das passagens relevantes de cada texto, foi produzida uma síntese dos aspectos centrais que aquela obra exprime. Por fim, essas sínteses foram avaliadas de forma a integrar seu conteúdo, compondo uma reflexão articulada de como a teoria freudiana relaciona os objetos de investigação em questão.

3. Temáticas

Nos tópicos abaixo foram descritas as temáticas identificadas no material freudiano, com apresentação dos conteúdos em ordem cronológica da publicação original das obras.

Atividade e passividade no psiquismo

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud descreve que a oposição entre passividade e atividade é uma característica geral da vida sexual, e que a meta sexual da pulsão sempre é ativa e/ou passiva. Essa oposição primordial posteriormente dará origem às oposições masoquismo-sadismo e feminino-masculino no psiquismo. O sadismo seria o componente agressivo da pulsão, presente principalmente na sexualidade masculina. O masoquismo, por sua vez, consistiria em uma atitude passiva perante o objeto sexual, relacionado à atitude passiva original do complexo de castração na infância. Descreve, ainda nessa obra, que a dor, movimentos passivos de movimentação - como ser balançado - e a atividade muscular ativa podem ser fontes de excitação sexual. Por fim, afirma que em todas

as oposições psíquicas ambos os componentes têm uma parcela de atuação, ainda que um seja dominante em relação ao outro.

Em “Pulsões e seus destinos” (1915), distingue estímulos advindos do mundo externo, dos quais é possível livrar-se através de uma ação muscular, e aqueles advindos do mundo interno, que não podem ser evitados, como é o caso da pulsão. Ao elencar os destinos da pulsão, descreve a reversão em seu contrário, na qual a meta ativa de uma pulsão pode tornar-se meta passiva. Segundo ele, isso configura um retorno ao objeto narcísico, ou seja, ao invés da pulsão dirigir-se a um objeto do mundo externo, ela retorna ao próprio Eu. Afirma que nas pulsões autoeróticas o órgão fonte tem um papel fundamental na determinação da passividade ou atividade da meta pulsional que brota de si. Além disso, descreve três polaridades psíquicas que regem o psiquismo, duas novas em relação aos Três Ensaio: Sujeito (Eu) — Objeto (mundo externo); Prazer — Desprazer; e Ativo — Passivo. Nesse sentido, afirma que o Eu é passivo perante o mundo externo quando recebe seus estímulos, mas ativo quando reage perante eles pelas suas próprias pulsões.

Em seu texto de 1919, “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”, defende que a conversão de sadismo (meta ativa) em masoquismo (meta passiva) ocorre pelo fator da consciência de culpa, instaurada pela repressão da escolha objetual do Édipo, unida à participação do impulso amoroso deste.

Por fim, em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud repensa a questão do masoquismo a partir do novo dualismo pulsional, propondo que a libido, ao tentar tornar inócua a pulsão de morte nos seres vivos, busca desviá-la para objetos externos, com a ajuda da musculatura. O sadismo seria a parte dessa pulsão que serve à função sexual. A porção que não é colocada para fora é ligada libidinalmente com ajuda da excitação sexual secundária, se tornando o masoquismo primário.

Aspectos pulsionais das fases do desenvolvimento psicosexual

Fase oral/canibal: desamparo e incorporação

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud descreve que o prazer da criança está associado à região da boca. A atividade sexual e a ingestão de alimentos não estão diferenciadas, num primeiro momento, e ambas possuem como meta a incorporação do objeto, que posteriormente se tornará modelo para o mecanismo de identificação. O sugar do

seio materno se torna uma vivência prazerosa por si só por inicialmente estar apoiada em uma satisfação orgânica, a de satisfação da fome, mas que eventualmente se torna independente da busca por alimento. A criança não tem controle sobre o mundo externo e não controla quando terá o seio, estando em uma situação de desamparo, posição passiva em relação ao objeto que é fonte tanto de alimento quanto de prazer. Então, passa a adotar o próprio corpo como objeto, a partir do momento que adquire algum controle sob sua própria musculatura, daí surgindo o autoerotismo.

Em obra do ano de 1915, “Pulsões e seus destinos”, o autor menciona que, durante a fase oral, o devorar e incorporar estabelecem um amor ambivalente com o objeto, pois suspendem a separação entre este e o indivíduo. Tratando das já mencionadas oposições entre Sujeito (Eu) — Objeto (mundo externo) e Prazer — Desprazer, explicita que, durante o autoerotismo, aquilo que é sentido como prazeroso coincide com o próprio Eu, sendo incorporado, conforme o mecanismo oral. Por sua vez, aquilo que não traz satisfação ou que é desprazeroso coincide com o mundo externo, sendo projetado.

Na vigésima conferência das “Conferências introdutórias à psicanálise” (1917), afirma novamente que a sexualidade infantil surge primeiro ligada a outras funções vitais, como a ingestão de alimentos. Acrescenta que o seio materno se torna o protótipo de toda a excitação sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna em épocas de necessidade.

No texto de 1923, “O Eu e o Id”, reitera a relação entre o mecanismo de identificação e a fase oral, agora em termos metapsicológicos: Quando um investimento em um objeto sexual precisa ser abandonado por não ser tolerado pela consciência, ele é introjetado no próprio Eu. Dessa forma, a formação do caráter estaria relacionada à história de eleições objetais e abandonos libidinais do indivíduo.

Fase sádico-anal: controle e oposição

Conforme descrito nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), na fase sádico-anal a zona erógena é a mucosa intestinal, de meta sexual passiva. Em 1915, Freud adiciona uma nota aos Três Ensaios, afirmando que na fase sádico-anal o conteúdo intestinal é tratado como parte do próprio corpo e que seu controle pode ser usado para exprimir desobediência ou docilidade perante uma pessoa. Em outra seção adicionada no mesmo ano, descreve que na fase sádico-anal ainda há elementos de autoerotismo nas pulsões parciais, mas que já é possível constatar a polaridade sexual e um objeto externo. Adiante na seção, ele

adiciona que a zona anal funciona como cloaca, tendo uma função tanto excretora quanto sexual. Ele também menciona que nessa fase os opostos estão desenvolvidos de modo aproximadamente igual, ao que atribuiu o termo ambivalência, no entanto predomina o sadismo. A crueldade nessa fase se relaciona à pulsão de apoderamento, na forma ativa, e Freud formula a teoria de que a estimulação dolorosa das nádegas da criança pode estar relacionada ao surgimento da pulsão passiva de crueldade, o masoquismo.

Nesse sentido, em outra obra do ano de 1915, “Pulsões e seus destinos”, Freud menciona que na fase sádico-anal há um anseio pela dominação do objeto, independente do dano causado a ele. No entanto, só é possível compreender a diferenciação entre amor e ódio da maneira que conhecemos a partir da puberdade.

Na vigésima conferência das “Conferências introdutórias à psicanálise” (1917), explicita que, durante a fase sádico-anal, os adultos passam a colocar uma noção de vergonha nas funções excretoras e estabelecem que elas só são aceitáveis em contextos privativos, determinados pelos adultos, assim anulando a capacidade de escolha da criança. Nesse momento, a criança percebe o mundo externo como inibidor hostil da obtenção do seu prazer. Defronta-se, novamente, com a ideia de conflito entre externo e interno, como vivenciou com o trauma do nascimento. Além disso, menciona que a sexualidade é mais passível de educabilidade na infância, daí a necessidade da sociedade de negar os impulsos sexuais das crianças, tendo em vista que é necessário direcionar parte da energia dos indivíduos para o trabalho, e domar o impulso sexual a fim de torná-lo impulso a reprodução.

Na vigésima primeira conferência, por sua vez, verifica que aquilo que é considerado masculino do ponto de vista genital é a expressão de uma pulsão de domínio que pode transformar-se em crueldade, e que as tendências que visam um fim passivo vinculam-se à zona erógena do orifício anal.

Fase genital: a tragédia de Édipo

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud descreve essa fase como o momento em que ocorre a subordinação das pulsões parciais à primazia dos genitais, dividida em dois tempos pela latência. O complexo de Édipo ocorre no primeiro desses tempos, sendo caracterizado pela atividade da criança de fantasiar uma relação incestuosa, geralmente com o genitor do sexo oposto, configurando a primeira escolha objetal da criança, que sucumbe à amnésia infantil. Com a frustração do complexo de Édipo e sua subsequente

repressão, institui-se a barreira do incesto. Em seção em 1915, o autor trata da escolha de objeto em dois tempos, sendo que em ambas escolhas todos os empenhos sexuais se dirigem para uma só pessoa, na qual buscam atingir suas metas. Essa escolha é realizada pela primeira vez na infância, durante o complexo de Édipo, é interrompida e reprimida pela latência e acontece novamente, de forma reeditada, na puberdade.

Na vigésima primeira conferência, também tratando sobre o complexo de Édipo, afirma que a criança demonstra afeição pelo genitor do mesmo sexo, apesar de sua fantasia para com o genitor do sexo oposto, pois para ela esses sentimentos ambivalentes são compatíveis. Ainda, acrescenta que os pais podem contribuir para a atitude edípica da criança e que quando outras crianças surgem, o complexo de Édipo torna-se um complexo de família. Apesar da crença de que os seres humanos repudiam inatamente o incesto, Freud acredita que a primeira escolha objetual de qualquer pessoa é regularmente incestuosa, e necessita das mais severas proibições para impedir que essa tendência infantil persistente se realize. Acrescenta que a subordinação de todas as pulsões parciais à primazia dos genitais seria o ponto crítico do desenvolvimento, abrindo caminho para a sujeição da sexualidade à função reprodutiva, na puberdade. O desenvolvimento subsequente da criança tem como objetivo abandonar o autoerotismo e unificar os objetos das pulsões separadas em um objeto único, o corpo completo de outra pessoa, e esse objeto tende a ser semelhante ao primeiro objeto do prazer oral, ou seja, a mãe.

Em “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (1919), afirma que a fantasia que está na base do ato masturbatório infantil advém do complexo de Édipo. A consciência de culpa dos neuróticos estaria inconscientemente ligada a essa fantasia, e não à masturbação que se inicia na puberdade.

No texto de 1923, “O Eu e o Id”, propõe que, a depender da intensidade das disposições sexuais do Édipo positivo e negativo, a criança geralmente se identifica parcialmente com ambos os componentes da situação triangular. O precipitado dessas identificações no Eu forma o Ideal do Eu ou SuperEu. Quanto mais intenso o transcorrer da situação edípica e sua subsequente repressão, maior o domínio que o SuperEu exercerá sobre o Eu. Por essa razão, Freud considera que o Ideal do Eu é herdeiro do complexo de Édipo. Freud atribui à gênese do SuperEu dois fatores biológicos: o longo desamparo e dependência infantil do ser humano e o complexo de Édipo. No capítulo final da obra, demonstra que o Eu se submete ao SuperEu, que recorda sua anterior dependência e fraqueza, como a criança se

submeteu aos pais. Freud observa que o sentimento de culpa pode até mesmo transformar o homem, geralmente juvenil, num criminoso, na tentativa de ligar o sentimento de culpa inconsciente a algo real e imediato. O Eu, portanto, depende do Supereu, pois este desempenha a função protetora e salvadora do pai, e o Eu busca seu amor. Se o Eu se encontra numa situação de perigo na qual não sabe como agir, sente a mesma angústia que sentiu a criança durante a separação da mãe no nascimento, que se traduz como angústia de morte. Com base nisso, concluiu que a angústia de morte e a angústia da consciência moral seriam formas de elaboração da angústia de castração.

No ano seguinte, em “O problema econômico do masoquismo” (1924), afirma que na superação do complexo de Édipo a relação com os genitores é dessexualizada e estes são introjetados no SuperEu. As características severas das figuras introjetadas tornam o SuperEu mais rigoroso com o Eu. O complexo de Édipo seria, portanto, fonte da moralidade individual.

Por fim, em “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), busca desvendar quais seriam os fatores que levariam ao fim do Complexo de Édipo. A explicação ontológica é a de que o complexo seria dissolvido quando a criança experimentasse dolorosas decepções em relação a não satisfação dos desejos edípicos, fazendo com que eventualmente os abandonasse. A teoria filogenética, por sua vez, afirma que o complexo estaria hereditariamente programado para acabar em determinado momento do desenvolvimento. Freud acredita que ambos os fatores participam do processo. Durante o complexo, o genital, especificamente o masculino, passa a assumir um papel condutor no desenvolvimento psicosssexual já na infância, durante a fase fálica², que é interrompida pela latência. O comportamento de masturbação infantil na fase fálica é repreendido pelos adultos, principalmente por mulheres, que ameaçam que uma autoridade masculina poderá castrá-los. Há ainda, em alguns casos, a ameaça de que o genital (passivo) não será cortado, mas sim a mão que ativamente executa o ato. O complexo de Édipo, segundo Freud, sucumbiria devido à ameaça de castração, mas o menino não acredita nessa ameaça de imediato. Por mais que a retirada do seio materno e a segregação diária do conteúdo intestinal nas fases oral e sádico-anal tenham sido importantes psiquicamente, parecem não surtir efeito em fazê-lo acreditar na castração fálica. Essa realização só acontece a posteriori, quando se descobre que as meninas não possuem pênis, e a possibilidade da perda do membro se torna real. Nesse

² Freud passa a denominar o primeiro tempo da sexualidade genital como fase fálica a partir do texto “A organização genital infantil”, de 1923.

período, o próprio complexo tem um caráter sexual, sendo a masturbação apenas uma forma de descarga da excitação por ele gerada. A introjeção dos modelos parentais pela identificação substitui o investimento libidinal, formando o SuperEu e estabelecendo a proibição do incesto, assim impedindo a regressão ao objeto edípico. Há uma dessexualização e sublimação das tendências libidinais. Esse processo suspende a função sexual do genital, iniciando o período de latência. Freud acrescenta que, idealmente, o complexo de Édipo é efetivamente destruído no psiquismo, pois quando é apenas reprimido pode manifestar sintomas patológicos posteriormente.

Período de latência: a conquista da autonomia infantil

Conforme explicitado nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), após a vivência e repressão do complexo de Édipo, a criança adentra um período de latência sexual, no qual entraves às pulsões como nojo e vergonha são colocados, organicamente e através da educação. A criança passa a direcionar sua energia para realizações culturais, num processo denominado sublimação. A criança então empreende em pesquisas sexuais infantis, cujo tema principal é o do mistério do intercurso sexual. Essa pesquisa solitária da criança é fundamental para o desenvolvimento de sua independência, já não confiando tão plenamente em seus objetos de amor. A criança passa a dirigir seu amor a outros objetos, o que será importante para prepará-la para a escolha objetual da puberdade. Quando isso não acontece, ou seja, a mãe não auxilia a criança a tornar-se independente, ela passa a não tolerar a ausência de seu amor. Ademais, a fantasia se torna presente de forma mais expressiva nesse período.

Na vigésima conferência das “Conferências introdutórias à psicanálise” (1917), trata da pesquisa sexual infantil, descrevendo novamente que a criança passa a criar diversas teorias para suprir sua curiosidade sobre os fatos referentes ao sexo. Nos anos que precedem a puberdade, tende a receber uma explicação incompleta e depreciativa sobre eles, o que muitas vezes produz efeitos traumáticos. Na vigésima primeira conferência, por sua vez, menciona que o período de latência não necessariamente interrompe a atividade e os interesses sexuais absolutamente, mas faz com que a maior parte das experiências e impulsos anteriores sucumbam à amnésia infantil.

No texto de 1923, “O Eu e o Id”, nota que a pulsão de destruição é geralmente posta a serviço de Eros para fins de descarga e conjectura e que a regressão de uma fase do desenvolvimento psicosexual a uma anterior seria fruto de uma disjunção pulsional,

enquanto o avanço da fase genital inicial à definitiva é caracterizada pelo acréscimo de componentes eróticos.

Brincadeira infantil

Na obra “O escritor e a fantasia” (1908), Freud demonstra que na brincadeira a criança rearranja e corrige o mundo externo apoiando-se em objetos reais, mas é capaz de distinguir seu mundo de brincadeira e o externo. Acrescenta que há um ganho de prazer na brincadeira, e o adulto substitui esse prazer pelas fantasias, que perdem seu apoio nos objetos reais. Enquanto a criança manifesta claramente na brincadeira seu desejo de ser adulto, as fantasias adultas passam a ser mantidas em segredo.

No ano seguinte, em “O romance familiar dos neuróticos” (1909), descreve que a atividade de fantasiar do neurótico envolve o pertencimento a uma outra família, o que pode ser observado primeiramente nas brincadeiras infantis, antes de passar a ocupar as próprias relações familiares.

Em “Além do Princípio de Prazer” (1920), Freud relata a brincadeira da criança com o carretel e constata que o jogo da criança estava relacionado à conquista cultural de renunciar sua satisfação pulsional e aceitar a ausência de sua mãe. Freud afirma que o jogo da criança, além de transformar a vivência desprazerosa, pois tirava a criança do papel passivo, que aceitava pacificamente a ausência materna, para assumir um papel ativo, no qual controlava seu desaparecimento, ao qual Freud atribuiu a um impulso de apoderamento, pode ser interpretado da seguinte maneira: o lançamento do objeto representaria um impulso de vingança da criança, com o qual ela mesma expulsa a mãe ao invés de ser abandonada por ela. Conclui, portanto, que a brincadeira do menino, embora atrelada a uma vivência desagradável, gerava um ganho de prazer direto de outro tipo. Na passagem da passividade para a atividade na brincadeira, a criança vinga-se, ela mesma como protagonista do jogo, da experiência desprazerosa que viveu.

Na mesma obra, conclui que a repetição da brincadeira, para a criança, permite que as impressões daquela vivência sejam atenuadas e que ela possa se tornar dona da situação. Na brincadeira, prevalece também o desejo de ser adulto e poder agir como tal. Além disso, verifica que as crianças exigem que as histórias e brincadeiras das quais gostam sejam repetidas à exaustão, isso porque buscam a mesma impressão que tiveram da primeira vez. Conforme o indivíduo amadurece, no entanto, a repetição da impressão deixa de ser prazerosa

e a novidade passa a se tornar necessária para se fruir de algo. Já a compulsão à repetição de vivências infantis de pacientes adultos não é prazerosa de maneira alguma. Entretanto, os adultos também possuem meios de recordar e elaborar psiquicamente aquilo que é desprazeroso, respondendo ao princípio do prazer. É o caso da tragédia, por exemplo, que é dirigida a um espectador externo, diferentemente do jogo e da imitação infantil, mas que é percebida como elevada fruição.

Puberdade/adolescência

O fato de a escolha de objeto ocorrer em dois tempos se reduz essencialmente ao efeito do período de latência, mas vem a ser bastante significativo no que toca aos distúrbios do estado final. Os resultados da escolha infantil de objeto se prolongam até uma época tardia; são conservados como tais ou são reavivados na época da puberdade. Graças à repressão que se desenvolveu entre as duas fases, porém, eles se revelam inutilizáveis. Suas metas sexuais experimentaram uma atenuação, e agora são o que podemos designar como a corrente tema da vida sexual. Somente a investigação psicanalítica pode provar que atrás dessa ternura, adoração e estima se escondem os velhos impulsos sexuais dos instintos parciais infantis, agora inúteis. A escolha objetual da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e começar de novo como corrente sensual. A não coincidência das duas correntes tem, muitas vezes, a consequência de não se poder alcançar um dos ideais da vida sexual, a união de todos os desejos num só objeto. (Freud, 1905/2016, p. 111)

No final do segundo e no terceiro ensaios dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), nos deparamos com um dos poucos momentos da teoria em que Freud menciona a passagem para a puberdade. A escolha de objeto ocorre em dois tempos, ou seja, desde a infância as pulsões parciais se encontram sob o primado da região genital, no entanto a meta reprodutiva só ocorrerá na puberdade, quando houver um maior amadurecimento biológico acompanhado de novas transformações psíquicas, e assim passa a haver uma mais demarcada diferenciação dos sexos no desenvolvimento.

Explicita que na vida sexual há duas correntes, sensual e terna, sendo que esta última consiste na atenuação da meta sexual da escolha edípica. Essas correntes divergem, tornando praticamente impossível a eleição de um objeto uno capaz de satisfazer ambas as tendências. Na puberdade, a escolha objetual deve aparecer como corrente sensual, e isso leva a uma frustração pela não convergência das correntes. Ainda nesse tópico, adiciona que quando há um subdesenvolvimento da sexualidade e do conhecimento sexual mesmo após o amadurecimento, o confronto com as exigências reais da sexualidade na puberdade pode levar

ao adoecimento neurótico. A redescoberta do objeto da puberdade é apoiada nos primeiros modelos, mas a nova escolha objetual estará submetida à barreira do incesto estabelecida após o Édipo, e ela é também uma exigência cultural responsável por afrouxar os laços com a família e permitir o estabelecimento de unidades sociais mais elevadas. No entanto, destaca que mesmo aqueles que sucederam na superação do Édipo ainda são influenciados pela sua primeira escolha objetual.

No texto “O romance familiar dos neuróticos” (1909), trata da ruptura com a autoridade dos pais durante o desenvolvimento do indivíduo, processo descrito como doloroso, mas necessário. Essa ruptura, iniciaria como imaginativa na latência, podendo persistir até depois da puberdade. Em termos culturais, o conflito geracional seria praticamente o motor do progresso social.

Em um sentido semelhante, na obra “Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio” (1910), o autor descreve a adolescência como um período conturbado, no qual é necessário afrouxar o vínculo com a família e a autoridade paterna. Ainda, defende que a instituição escolar deveria apoiar os jovens e se tornar substituta da família, despertando o interesse no mundo exterior. Se por um lado o conflito com os pais serve para o afrouxamento dos laços familiares, os laços do adolescente são estreitados com outras autoridades e outros iguais. A instituição escolar é uma possibilidade, ela não somente pode, como deve, afirma Freud, tornar-se uma instituição que substitui a familiar.

Nesse sentido, em “Reflexões sobre a psicologia escolar” (1914), explicita que os professores é que costumam ser alvo das projeções dos jovens, apresentando inclinações ambivalentes por estes. Isso porque eles atuam como substitutos das primeiras relações da vida do indivíduo, que influenciam as escolhas afetivas por toda a vida. Quando a criança passa por uma desilusão com o pai durante a segunda infância, o critica e se distancia dele. No entanto, repete essa relação com seus mestres. Principalmente para os meninos, repete-se com o mestre a relação ambivalente com o pai, no qual admirava-se ao mesmo tempo que almejava-se destruir.

É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores, de maneira que agora podemos entender a nossa relação com eles. Estes homens, nem todos pais na realidade, tornaram-se nossos pais substitutos. Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso. A menos que levemos em consideração nossos quartos de crianças e nossos lares, nosso comportamento para com os professores seria não apenas incompreensível, mas também indesculpável. (Freud, 1914/1976, p. 288)

Durante a vigésima primeira conferência das “Conferências introdutórias à psicanálise” (1917), descreve que a escolha objetal da puberdade estará de acordo com a escolha objetal do Édipo ou reagirá inconscientemente contra ela, assumindo a configuração oposta. O púbere deve desligar-se do primeiro objeto eleito para buscar um objeto amoroso real e reconciliar-se com o outro genitor, caso tenha permanecido em oposição a este, ou liberar-se da pressão dele, caso fosse subserviente. Ou seja, no caso do garoto que elegeu a mãe como objeto durante o Édipo, na puberdade ele deverá buscar um novo objeto sexual não incestuoso. Superando totalmente o desejo edípico e sucedendo em se diferenciar do núcleo familiar, a relação com o pai se transforma, seja de forma a se tornar menos ressentida pelo desejo edípico inconsciente, ou a se tornar mais opositora, diferenciando-se deste. Defende que essa tarefa cabe a todos os seres humanos, mas que raramente é conduzida da maneira ideal, tanto psicológica como socialmente, reiterando o caráter desafiador desse período.

Na vigésima segunda conferência, por sua vez, afirma que, via de regra, a educabilidade de pessoas jovens chega ao fim quando suas necessidades sexuais emergem plenamente, motivo pelo qual é necessário educar a sexualidade desde a tenra infância. A partir da puberdade, os anseios sexuais aparecem de forma mais imponente, sendo as principais barreiras impostas ao adolescente à satisfação pulsional aquelas que foram estabelecidas durante os momentos anteriores de seu desenvolvimento.

Ainda tratando da relação entre sexualidade e puberdade, defende, na vigésima terceira conferência, que um excesso de repressão sexual na infância pode enviar a criança ao encontro da vida sem qualquer defesa contra a avalanche de exigências sexuais que inevitavelmente aparecerão na puberdade. Segundo o psicanalista, proteger excessivamente a

criança dos fatos do sexo não seria uma profilaxia recomendada às neuroses, afinal, a doença apresenta um fator constitucional, e tal atitude apenas traria resultados potencialmente mais perigosos para o indivíduo. Assim, reitera o caráter sexualmente caótico do período da puberdade e a influência de períodos anteriores do desenvolvimento nesse processo.

Em sentido similar, no texto “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (1919), demonstra que no caso das perversões plenas, os pervertidos apresentaram uma tendência a desenvolver uma vida sexual normal durante a puberdade, mas a abandonaram quando confrontados com os desafios dessa fase do desenvolvimento, fazendo a pessoa recair definitivamente na fixação infantil. É comum que perversões infantis continuem ocupando um lugar secundário na vida sexual normal da pessoa adulta, mas nesses indivíduos o pendor para a atividade sexual normal não foi suficiente para superar as tendências infantis, retornando a elas perante as dificuldades trazidas pela realidade sexual da puberdade.

Em *o Eu e o Id* (1923), Freud acrescenta que o papel de professores e outras autoridades durante momentos posteriores do desenvolvimento seria o da censura moral, substituindo o pai também em seu papel de proibição. De forma similar, em “O problema econômico do masoquismo” (1924), explicita que essas figuras passam a compor o SuperEu, para o qual a importância dos pais foi diminuída.

Diferenças sexuais

Sabe-se que apenas com a puberdade se estabelece a nítida separação entre caracteres masculinos e femininos, um contraste que passa a influir decisivamente, mais que qualquer outro, no modo como se configura a vida das pessoas. No entanto, a predisposição masculina ou feminina já é facilmente reconhecível na infância; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre, na menina, mais cedo e com menor resistência do que no menino; a tendência à repressão sexual parece maior; ali onde aparecem instintos parciais da sexualidade, elas dão preferência à forma passiva. Mas a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma nos dois sexos, e essa concordância anula, na infância, a possibilidade de uma diferença entre os sexos como a que se estabelece após a puberdade. (Freud, 1905/2016, p. 138)

Como mencionado acima, Freud afirma que as diferenças sexuais passam a ser mais demarcadas após a puberdade, fazendo com que o desenvolvimento de homens e mulheres passe a divergir bastante. No entanto, no decorrer das obras algumas diferenças importantes

são apontadas pelo autor em outras fases do desenvolvimento psicosssexual. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), compartilha a compreensão de que o desenvolvimento das inibições da sexualidade aparece mais cedo nas meninas, bem como elas apresentam uma maior tendência à repressão sexual e à forma passiva das pulsões parciais. Isso acontece porque a parcela de masculinidade - mais predominantemente ativa, portanto - da vida sexual feminina sucumbe à repressão no desenvolvimento sexual normal. Enquanto nos homens a puberdade traz um grande avanço à libido, para as mulheres ocorre uma nova onda de repressão principalmente da sexualidade clitoridiana, cuja excitabilidade deve ser transferida para a região da vagina, a fim de prepará-la para o ato sexual reprodutivo. Ademais, algo mais comum em mulheres é a não superação do amor infantil na puberdade, prevalecendo a ternura e a autoridade dos pais, representando uma fixação infantil da libido e um não confronto das exigências reais da sexualidade.

Em “O romance familiar dos neuróticos” (1909), menciona que as fantasias de não pertencimento à família tendem a surgir quando a criança se sente negligenciada. Durante a atividade imaginativa do romance familiar, pode-se constatar nos meninos um desejo intenso de libertar-se do pai, sentindo fortes impulsos hostis contra ele, muito mais do que contra a mãe. No caso das meninas, essas fantasias e impulsos costumam ser menos prevalentes.

Na vigésima conferência das “Conferências Introdutórias à Psicanálise” (1917), descreve que o menino, por volta dos 3 anos, se confrontado com genitais femininos, nega a ideia de que as meninas não possuem um pênis, e posteriormente, no início do Édipo, amedronta-se com a ideia da castração, o que desempenhará um grande papel na construção do seu caráter, caso sua sexualidade se desenvolva normalmente. Já a menina apresenta o desejo de ser menino e possuir um membro masculino, e o clitóris assume papel de um pênis subdesenvolvido.

Em “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (1919), descreve que as fantasias masoquistas de surra da infância tendem a ser reprimidas, no entanto constatou um caso masculino no qual isso não aconteceu. A explicação para esse fenômeno seria a de que o mecanismo de regressão da atividade genital em passividade seria suficiente para a consciência de culpa masculina, mas que nos casos femininos, a consciência de culpa poderia ser mais exigente, demandando a ação conjunta de mecanismos de regressão e repressão. Ademais, afirma que o que há em comum entre as fantasias de surra nos dois sexos é que a fantasia deriva da ligação incestuosa com o pai. Na

menina, permanece inconsciente a atitude edípica normal, enquanto no menino permanece inconsciente a atitude edípica inversa. O menino preserva uma atitude feminina (masoquista) na fantasia, mas evita a escolha homossexual de objeto, enquanto a menina escapa das exigências da vida amorosa ao fantasiar ser um homem, sem tornar-se masculinamente ativa.

Na obra “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), por sua vez, Freud descreve que no complexo de Édipo, o menino possui duas possibilidades de satisfação, sendo uma ativa e uma passiva. Na ativa, coloca-se masculinamente no lugar do pai para ocupar seu lugar em relação à mãe, enquanto na passiva adota uma atitude feminina e substitui a mãe para receber o amor do pai. Confrontado com a inexistência do pênis na mulher, no entanto, percebe que ambas as possibilidades de satisfação edípicas levarão à perda do pênis, a primeira pela castração e a segunda pela própria posição feminina. O interesse narcísico pelo pênis tende a superar o investimento libidinal nos objetos de amor parentais, dissolvendo o complexo.

Na mesma obra, Freud busca esclarecer a dissolução do complexo das meninas, mas afirma que os dados são mais obscuros. Há uma organização fálica e uma ameaça de castração, o desenvolvimento do SuperEu e a entrada na latência, mas os eventos se desenrolam de outra maneira. O clitóris seria entendido como um pênis, mas a menina se sentiria inferiorizada por possuir um membro muito mais modesto do que o dos meninos. Ela não entende que esse seria um outro genital, que as outras mulheres também possuem, mas sim que ela já possuiu um pênis e o perdeu. Enquanto o menino teme a castração, a menina entende que já é castrada. A construção do SuperEu e a interrupção da organização genital seria consequência da educação e da intimidação externa, que faz a menina temer a perda do amor de seus objetos, bem mais que os meninos. Geralmente, o complexo envolve a tentativa de substituição da mãe e uma postura feminina perante o pai. Para elaborar a perda do pênis, o substitui pelo desejo de receber um bebê do pai. No entanto, esse desejo não é concretizado, bem como o desejo do pênis, e o complexo se dissolve. Esses desejos, porém, permanecem no inconsciente e ajudam a preparar o papel sexual feminino. Pela menor porção de sadismo nas tendências sexuais, a transformação das tendências sexuais em afetuosas é facilitada. No entanto, Freud ainda considera a explicação sobre a dissolução do complexo de Édipo nas meninas insatisfatório.

Fantasia

Em “O escritor e a fantasia” (1908) explica que a atividade da fantasia aparece a partir de desejos não satisfeitos, representando uma correção imaginária daquilo que foi frustrado. Os desejos da fantasia poderiam ser eróticos ou ambiciosos, no sentido de exaltação da personalidade. Destaca que o prazer que o adulto sente ao ter contato com uma obra artística é devido ao fato de que as tensões do indivíduo são liberadas através da fruição livre de suas próprias fantasias reprimidas, que estão de alguma forma refletidas na obra.

Já em “O romance familiar dos neuróticos” (1909) descreve a atividade imaginativa que dá título à obra, na qual as insatisfações para com a família real são retificadas pela fantasia, fazendo com que a criança, em sua imaginação, substitua os pais que não mais estima por outros que considera mais admiráveis, num primeiro momento. Posteriormente, quando a criança passa a conhecer os diferentes papéis sexuais, adentra o segundo estágio do romance familiar, o sexual, com fantasias eróticas e que podem envolver a infidelidade da mãe, ainda com um caráter de retaliação contra os pais. Embora essas fantasias possam ser chocantes, elas representam, no fundo, a primitiva afeição da criança pelos seus pais. A substituição dos pais aparece, na verdade, como forma de representar a saudade que a criança sente das figuras que idealizou e nas quais confiava plenamente durante os primeiros anos da infância.

Na vigésima terceira conferência das “Conferências introdutórias à psicanálise” (1917), Freud explicita alguns mecanismos da fantasia no psiquismo. As fantasias, para o autor, teriam sua origem nas pulsões e no acervo filogenético da espécie, pois permitiriam aos seres humanos continuar a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa, da qual tiveram que renunciar na realidade, assim, encontrando uma forma de equilibrar a busca pelo prazer e a racionalidade. Ademais, descreve que os objetos e tendências fixados psiquicamente podem ser acessados através da fantasia, na qual eles não foram abandonados. No entanto, quando há um deslocamento da libido em direção às fantasias, as fantasias que eram toleradas pelo Eu passam por um aumento na catexia de energia que a fazem entrar em conflito com o Eu, tentando forçar a realização da fantasia, e isso as torna sujeitas à repressão.

Por fim, no texto “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (1919), Freud, ao tratar da gênese das fantasias de surra, defende que mesmo quando param de ocorrer cenas de surra em sala de aula, que ofereciam material às fantasias, a leitura de determinados livros infantis proporciona novos estímulos a elas, que geralmente consistiam em cenas de crianças sendo punidas por maldade e mau

comportamento. Ou seja, reitera que o material das fantasias baseia-se em elementos da realidade.

4. Discussão

Em primeiro lugar, é possível observar que Freud descreve a mudança da atitude ativa para a passiva em termos de retorno ao objeto narcísico (1915) ou regressão (1919). Portanto, parece descrever a disposição ativa como predominante na relação polar, tendo em vista a própria natureza da pulsão, que é sempre ativa. Nesse sentido, também é digno de nota que quando a polaridade atividade-passividade encontra-se desenvolvida, a partir da fase sádico-anal, predomina o sadismo, ou seja, a atitude ativa. Ao pensarmos no âmbito da patologia, num primeiro momento (1905), o autor entende que o masoquismo, enquanto atitude passiva perante o objeto sexual, seria derivado do complexo de castração da infância. Revisitando o tema em termos metapsicológicos (1924), no entanto, passa a descrevê-lo como sadismo dirigido contra a própria pessoa, ou seja, afirma que o masoquismo primário deriva da porção do sadismo que não ligou-se a objetos externos.

Apesar dessa tendência à atividade, as obras revelam que a capacidade de ação das crianças é constantemente freada pela educação moral, com objetivo de domar as pulsões sexuais enquanto estas são mais maleáveis (1917). Isso é tornado claro no exemplo que Freud apresenta em “A dissolução do complexo de Édipo”, no qual relata casos nos quais o menino que se masturba é ameaçado de que sua mão será cortada por ativamente executar o ato, ao invés do genital que passivamente recebe os estímulos. Dessa forma, fica nítida a compreensão de que os adultos passam a regular o corpo da criança, que é o único meio através do qual ela pode concretizar em ato as suas vontades. Se na fase oral a criança aprendeu que poderia obter prazer ao adotar o próprio corpo como objeto quando o seio materno estivesse ausente, na fase sádico-anal a educação passa a impor em quais momentos e ambientes a criança pode controlar seu conteúdo intestinal, considerado parte do próprio corpo. Na vivência do complexo de Édipo, por sua vez, tem seu desejo pelo genitor frustrado pela sua impossibilidade de realização na realidade e pela ameaça de castração.

A criança então recorre às fantasias, geralmente expressas em suas brincadeiras, para lidar com suas angústias. Nelas, apoia-se em aspectos de sua realidade para retificar aquilo que não a agrada (1908). As brincadeiras infantis costumam manifestar nitidamente o desejo de ser adulto, afinal, são os adultos que controlam as condições da realidade da criança. É

comum que a criança repita recorrentemente a mesma brincadeira, revelando que a passagem da passividade para a atividade disponibilizada pelo brincar é bastante satisfatória.

Com a dissolução do complexo de Édipo e a entrada na latência, a idealização dos pais começa a se enfraquecer, e novas fantasias surgem como forma de apoiar a criança a elaborar o luto pelos pais perfeitos, como é o caso do romance familiar do neurótico (1909). Com esse afastamento e a perda da confiança nos adultos, também inicia-se a empreitada solitária da criança em suas pesquisas sexuais. Encontrar êxito em desenvolver sua autonomia nesse momento será essencial para preparar a criança a lidar com as exigências da puberdade, na qual a separação dos pais será ainda mais definitiva.

Com a entrada na puberdade, alcança-se a configuração sexual definitiva, e as pulsões se tornam consideravelmente menos educáveis. Para além das mudanças biológicas, essa nova fase do desenvolvimento implica uma tarefa social dolorosa: a separação dos pais. Para superar esse difícil trabalho, é esperado que o adolescente se apoie em figuras substitutivas, daí o importante papel que a escola e os professores assumem nesse momento, bem como o das fantasias que representam a saudade dos pais idealizados.

Outro ponto de suma importância destacado por Freud nesse período é o confronto com a realidade sexual. Um conhecimento sexual insuficiente poderá levar ao adoecimento neurótico ou, como é o caso de algumas mulheres, um subdesenvolvimento das funções sexuais mesmo na vida adulta (1905). Outra possibilidade descrita pelo psicanalista quando o sujeito não é capaz de lidar com a realidade sexual da puberdade é a da fixação de um elemento da sexualidade infantil, instituindo uma perversão sexual na vida adulta (1919).

Nesse sentido, vale destacar alguns pontos referentes às diferenças sexuais que colocarão desafios distintos à adolescência feminina e masculina. Segundo Freud, a passividade da meta pulsional é mais predominante nas meninas, e estas sofrem uma maior repressão principalmente da sexualidade clitoridiana nesse período. A maior passividade da sexualidade feminina estaria relacionada ao fato de que a oposição masculino-feminino deriva da oposição primordial ativo-passivo. Essa descrição parece adotar uma perspectiva mais biologicista do que sociocultural. Por outro lado, Freud destaca no prefácio da terceira edição dos Três Ensaio, adicionado em 1914, que fatores acidentais se sobrepõem aos disposicionais no desenvolvimento psicosexual, e em momentos diversos de sua obra reconhece que a repressão sexual é advinda de forças externas. Ao atribuir às mulheres um SuperEu mais

rígido e um mais acentuado medo da perda do amor dos pais durante o Édipo (1924), explica tal fato pela intimidação externa mais severa do que dos meninos. Depreende-se, portanto, que há uma interação entre fatores constitucionais e sociais no processo de repressão da sexualidade feminina na puberdade.

Já nos casos masculinos, a maior porção de sadismo das pulsões faria com que os homens vivenciassem, desde a vivência do Édipo, um desejo mais intenso de separar-se do pai. Dessa forma, figuras substitutivas de autoridade passam a ter um papel central na vida do jovem garoto, auxiliando-o a elaborar o luto da infância. Sem o apoio apropriado, o adolescente pode inclusive recorrer até mesmo a atos criminosos em uma tentativa de ligar libidinalmente suas novas angústias a algo real (1923). Evidencia-se, portanto, que as diferentes disposições das metas sexuais - ativas ou passivas - nos dois sexos influenciam significativamente os desafios impostos às diferentes puberdades, na perspectiva freudiana.

Nessa configuração, as fantasias já não encontram terreno tão fértil para se expressarem como encontravam na infância, sendo necessário encontrar novos caminhos para a descarga pulsional. A nova autonomia conquistada pelo amadurecimento biológico e as mudanças corporais que o acompanham possibilitam que o adolescente possua o que passou toda a infância desejando: a capacidade de modificar sua realidade. Por outro lado, para isso é necessário concretizar um trabalho nada agradável, abrir mão definitivamente dos pais idealizados e da ideia de completude do objeto sexual, a fim de engajar-se na busca por um objeto real. Negar o trabalho da puberdade e recorrer à passividade implicará regredir a fases anteriores da organização genital, acarretando no adoecimento neurótico ou perverso.

No tocante ao papel da fantasia no psiquismo maduro, ela passa a ser uma atividade imaginativa bem mais privativa do que era na brincadeira infantil, e muitas vezes é mantida afastada da consciência. No entanto, segue sendo um mecanismo de apoio ao qual o adulto pode recorrer em momentos de angústia. A repetição não é mais prazerosa como um dia fora quando a criança replicava exaustivamente a mesma cena em sua brincadeira, se tornando um mecanismo através do qual os sintomas aparecem, não necessariamente auxiliando o sujeito na tarefa de elaborar seu sofrimento. Em geral, a fantasia adulta é prazerosa quando o sujeito pode fruir livremente dela de forma sublimada, como acontece no contato ou na produção de uma obra artística, preservando em alguma medida no psiquismo aquilo que um dia a brincadeira possibilitou (1908).

5. Considerações finais

Tendo em vista a exposição acima, pode-se concluir que a hipótese inicialmente proposta encontra sustentação interna na obra freudiana. Dessa forma, é possível descrever psicanaliticamente a puberdade enquanto período transitório entre uma posição de passividade infantil para a posição ativa da vida adulta, com capacidade de ação na realidade externa. Além disso, pôde-se atestar que a saída da infância modifica significativamente a função que a fantasia ocupava no psiquismo até então, principalmente no tocante à brincadeira, que precisa ser abandonada. Observou-se, além disso, que o retorno do adulto à passividade corresponde ao movimento regressivo da patologia.

Apesar da destacada importância que Freud concede à polaridade ativo/passivo na vida psicosexual, considerando-a primordial em relação às demais, é bastante raro encontrar trabalhos que explorem essa perspectiva do dualismo freudiano articulado a temas contemporâneos. Pensar a adolescência, um tema tão caro a psicanalistas na atualidade, enquanto um momento transitório entre as polaridades pode oferecer uma nova visão sobre os conflitos que acompanham essa fase do desenvolvimento. Dessa forma, recomenda-se que trabalhos futuros explorem os dados levantados nesta pesquisa articulando-os com referências atuais sobre psicanálise, desenvolvimento e adolescência.

6. Referências

- Alberti, S. (2002). O adolescente e seu *pathos*. *Psicologia USP*, 13(2), 183-202.
- Birman, J. (1993). *Ensaio de teoria psicanalítica* (v. 1). Jorge Zahar.
- Domingues, M. R. C., Domingues, T. L. C., & Baracat, J. (2009). Uma leitura psicanalítica da adolescência: mudança e definição. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 7(12), 1-7.
- Efken, P. H. O. (2017). A dimensão de domínio na constituição do Ego. *Revista Subjetividades*, (17)1, 22-34.
- Freud, S. (1976). Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 13, pp. 285-289). Imago. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (1990). Projeto para uma psicologia científica. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 1, pp. 335-455). Imago. (Original publicado em 1895)

- Freud, S. (2010). Além do princípio de prazer. *Obras completas: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio de prazer e outros textos* (v. 14, pp. 120-178). Companhia das Letras. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. *Obras completas: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio de prazer e outros textos* (v. 14, pp. 220-246). Companhia das Letras. (Original publicado em 1919)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In _____, *Obras completas: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (v. 16, pp. 9-64). Companhia das Letras. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In _____, *Obras completas: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (v. 16, pp. 165-181). Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In _____, *Obras completas: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (v. 16, pp. 182-192). Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (2013). Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio. In _____, *Obras completas: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"] e outros textos* (v. 9, pp. 389-390). Companhia das Letras. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (2013). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Pulsões e seus destinos - Edição Bilingue* (1a ed.). Autêntica. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (2014). Terceira parte: Teoria geral das neuroses. In _____, *Obras completas: Conferências introdutórias à psicanálise* (v. 13, pp. 279-172). Companhia das Letras. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In _____, *Obras completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (v. 8, pp. 184-191). Companhia das Letras. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2015). O romance familiar dos neuróticos. In _____, *Obras completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (v. 8, pp. 419-424). Companhia das Letras. (Original publicado em 1909)

- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In _____, *Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (v. 6, pp. 20-172). Companhia das Letras. (Original publicado em 1905)
- Garritano, E. J., & Salada, G. (2010). O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica. *Polêm!ca*, 9(3), 56-64.
- Masson, J. M. (Org.). (1986). A Teoria Transformada. In _____. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904* (V. Ribeiro, Trad.) (v. 1, pp. 265-267). Rio de Janeiro: Imago.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: O movimento de um pensamento*. Editora da Unicamp.
- Monzani, L. R. (2008). O que é filosofia da psicanálise? *Philósophos*, 13(2), 11-19.
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- Tavares, A., & Alberti, S. (2016). Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher o recém-chegado. *Psicanálise & barroco em revista*, 14(2), 13-24.
- Ulhôa, A. P. *O binômio atividade-passividade na construção da Teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche* [Monografia de Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG.
- Velano, M. F. S., & Fulgencio, L. (2020). O *fort-da* como limite da representatividade e da temporalização da experiência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 99-111.
- Vieira, A. A., & Vorcaro, A. M. R. (2014). Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. *Psicologia USP*, 25(2), 144-154.
- Viola, D. T. D., & Vorcaro, A. M. R. (2013). Latência, adolescência e saber. *Estilos clin.*, 18(3), 461-476.